


# Entre silêncios e reexistências: a publicação de *Gazel* na cena contemporânea

*Between Silences and Reexistences: The Publication of Gazel in the  
Contemporary Scene*  
*Entre silêncios y reexistencias: la publicación de Gazel en la escena  
contemporânea*

Andressa Almeida Nunes<sup>1, 2</sup>  0000-0003-3236-1823

<sup>1</sup>Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. 600-214 – [MA-literaturas@letras.ulisboa.pt](mailto:MA-literaturas@letras.ulisboa.pt)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil. 88040-900 –  
[ppglitufsc@gmail.com](mailto:ppglitufsc@gmail.com)



LEONARDO, Luiza.

*Gazel: romance-folhetim de 1881 e outros textos.*

Organização de Rosana Cássia dos Santos. Florianópolis: Editora da UFSC,  
2023.

O que um romance-folhetim nunca publicado em livro tem a nos dizer, mulheres do presente? A publicação de *Gazel: romance-folhetim de 1881 e outros textos*, de Luiza Leonardo (2023), organizada por Rosana Cássia dos Santos e lançada pela Editora da UFSC em 2023, constitui-se em ato de restituição crítica e política. Ao resgatar essa narrativa, originalmente veiculada em periódicos como *Gazeta da Tarde* e *O Lábaro* em 1881, devolve ao presente uma voz que o cânone literário relegou ao apagamento. Ler *Gazel* no presente, nos faz tocar os limites que o passado impôs às mulheres e, ao mesmo tempo, perceber a luz dos feminismos que resgata o que ficou escondido.

O romance acompanha a vida de *Gazel*, jovem criada entre o luxo, a música, os adornos e as expectativas sociais que moldavam as moças da elite. Desde cedo, ela aprende que a beleza e o refinamento são suas moedas de valor. Ainda na infância, essa pedagogia do ornamento se explicita quando a personagem associa diretamente desejo, recompensa e visibilidade social: “Papá, eu quero que me mande fazer um vestido de anjinho e quero que dê um baile de crianças [...] Porque eu quero dançar [...] sábado papá tomará as minhas lições e se elas estiverem boas, domingo terei o baile.” (Luiza LEONARDO, 2023, p. 37). A educação que recebe não lhe confere autonomia, mas reforça o lugar de espetáculo: a mulher como ornamento, como reflexo do poder paterno, como promessa de prestígio para o futuro marido. Nesse retrato inicial já se anuncia a contradição que atravessará toda a narrativa: uma vida forjada para o brilho social, na qual as escolhas que se apresentam como individuais são,

na verdade, previamente moldadas pelas normas, expectativas e dispositivos de controle que regulam a experiência feminina.

A morte do pai inaugura a queda. Com a ruína financeira, a família perde a fortuna que garantia sua posição e se vê obrigada a abandonar a abundância que marcava o cotidiano. A mudança para Lisboa, onde buscam reconstruir alguma forma de estabilidade, funciona também como deslocamento simbólico: da inocência da juventude para a dura realidade das restrições sociais. A viagem é, ao mesmo tempo, geográfica e existencial – marca o exílio da condição anterior e anuncia a submissão a um destino moldado por forças externas.

Em Lisboa, a trama central se adensa. Gazel é levada a um casamento com João de Mattos, homem respeitado, de posição social elevada, mas desprovido de afeto. Não se trata de um enlace escolhido, mas de uma solução pragmática: manter o que resta da honra familiar. O casamento, figura central do imaginário oitocentista, revela-se, para ela, um cárcere. A jovem, outrora formada para encantar, encontra-se aprisionada em um papel conjugal que limita sua vida a convenções. A distância entre a promessa romântica e a realidade conjugal revela o cerco de um sistema em que a mulher é moeda de troca, e sua subjetividade pouco importa.

Nesse cenário surge Eduardo, personagem masculino que encarna os privilégios patriarcais mais evidentes. Ele circula entre diferentes classes, envolve-se com mulheres, abandona, desonra, mas continua socialmente ileso. A moral não o alcança. A ele é permitido o movimento, o erro, a experimentação; a Gazel, apenas a renúncia e a punição. A relação entre os dois, feita de desejo e interdito, de proximidade e afastamento, acentua a assimetria de gênero que organiza o romance: o amor, quando vivido por uma mulher, é sempre arriscado, sempre à beira do castigo.

O enredo, construído em capítulos seriados, mobiliza os artifícios do folhetim: reviravoltas, segredos, coincidências improváveis, retornos inesperados. A estrutura melodramática mantém viva a expectativa da leitora, mas, para além do suspense, deixa entrever a crítica. Cada coincidência ou revelação que altera o destino de Gazel reafirma que não há lugar seguro para a experiência feminina fora do jugo da moralidade social. É como se a própria engrenagem do folhetim dramatizasse o cerco: mesmo quando parece haver uma fresta de liberdade, logo a narrativa a fecha, devolvendo a protagonista à posição de vigilância e sofrimento.

Nesse sentido, a trajetória de Gazel – marcada pelo abandono, pelo desamparo e pela busca por autonomia – ressoa a experiência feminina de opressão e marginalização. Sua história reflete, de maneira dramática e lírica, o processo de silenciamento de uma voz constantemente reprimida em um contexto de dominação masculina. A crítica à sociedade da época se revela também nos conflitos familiares e no modo como a traição é utilizada como instrumento de reafirmação dos estereótipos impostos às mulheres. Como observa Marlyse Meyer (1996, p. 253),

O adultério pode ser verdadeiro ou atribuído em falso. Quando é comprovado, o folhetim em geral começa pela cena forte, na hora em que o marido, ou a sogra ou o fiel intendente, descobre a vil traição. Obviamente o marido ultrajado não mata ou esquarteja a mulher como nos *faits divers*, porque senão não haveria história. Mas a perseguição e o castigo fornecem o enredo principal.

Dessa forma, a narrativa acentua o lugar da mulher sob constante suspeita, submetida a um regime de punição e vigilância que punha em xeque a possibilidade de uma existência autônoma e plena. Assim, Gazel ecoa os dilemas de tantas mulheres, cujas vozes foram caladas e relegadas a notas marginais na história literária brasileira.

A força da edição não está apenas em reconstituir o texto, mas em dar-lhe contexto. A organizadora, Rosana Cássia dos Santos, não se limita à recuperação filológica: reconstrói a trajetória de Luiza Leonardo e insere sua obra no panorama cultural do século XIX. O trabalho de pesquisa, praticamente braçal, vasculha os acervos digitalizados da Biblioteca Nacional, identifica a circulação do romance nos periódicos e oferece à leitora elementos para compreender tanto a narrativa quanto a sua autora. Essa contextualização faz com que a leitura de *Gazel* não seja um exercício arqueológico, mas um encontro vivo com uma obra que fala ao presente.

Mais do que resgatar, essa atividade consolida a presença das mulheres brasileiras na história literária, desvelando o processo histórico que insistiu em fazê-las parecer ausentes, visto que a literatura é, ao mesmo tempo, espaço de memória e de esquecimento. No século XIX, escritoras como Luiza Leonardo desafiaram as dinâmicas de poder ao inscrever suas vozes em um ambiente literário predominantemente masculino. Muitas foram tão apagadas que, hoje, seus nomes não apenas deixaram de ser lembrados, mas sequer são reconhecidos como esquecidos. Como afirma Zahidé Muzart (2003, p. 3): “Na verdade, o esquecimento de escritoras do século XIX é um esquecimento político. Pois não só porque mulheres escritoras são esquecidas; são esquecidas sobretudo as mais atuantes, as feministas, em uma palavra.”

O resgate não deve ser fim em si mesmo, mas primeiro passo de uma realização maior: a permanência e reinserção dessas escritoras em redes culturais contemporâneas. Ao tornar

visível esse apagamento, evidencia-se também a necessidade de reconfigurar os critérios de legitimação do cânone, de modo que a literatura escrita por mulheres não seja apenas lembrada como exceção, mas reconhecida como parte constitutiva da tradição. Essa consolidação não é, portanto, mero gesto retrospectivo: trata-se de um movimento que reposiciona o passado, amplia o presente e projeta novas possibilidades de leitura para o futuro da literatura brasileira.

Luiza Leonardo encarna de forma concreta essa dinâmica de apagamento e reinserção. Nascida em 1859, ela trilhou uma trajetória artística múltipla. Pianista talentosa, atriz, compositora, escritora – sua vida é atravessada por diferentes linguagens. Estudou em Paris, no Conservatório de Música, e foi apadrinhada por D. Pedro II, o que lhe garantiu certo reconhecimento. Mas esse reconhecimento foi fugaz. Sua música teve alguma projeção; sua literatura, quase nenhuma. No Brasil, seu nome foi aos poucos se apagando, até desaparecer quase por completo da memória cultural. A publicação de *Gazel*, junto a outros textos como “Aromas”, “Ânsia suprema” e “No lago Asphaltite”, devolve visibilidade a essa autora que transitava entre artes, mas cuja palavra literária havia sido silenciada.

É nesse ponto que a edição se conecta às discussões contemporâneas. O apagamento de escritoras do século XIX não é mero acaso, mas resultado de estruturas sociais que marginalizaram a produção feminina. Quantas Luizas, Ignez, Marias escreveram e foram ignoradas ou classificadas como “menores”? A ausência de suas obras nos manuais, nas listas escolares e nas histórias da literatura evidencia a construção de uma narrativa seletiva da literatura brasileira. A publicação de *Gazel*, quase cento e quarenta anos depois, rompe com essa narrativa e devolve uma voz esquecida, desafiando os critérios que organizaram a memória literária.

Se há limites, eles se encontram menos no trabalho editorial e mais nas possibilidades de pesquisas futuras. O volume concentra-se na prosa, mas Luiza Leonardo também foi artista de palco e música, dimensões que poderiam ampliar a compreensão de sua escrita. Cotejar *Gazel* com outros romances folhetinescos da época – de Ignez Sabino, Maria Benedita Bormann, José de Alencar e Machado de Assis – permitiria situar sua singularidade no panorama literário. A publicação é um gesto ético e político: ético porque restitui uma voz silenciada; político porque evidencia que o cânone resulta de escolhas, silenciamentos e exclusões. Entre os silêncios do século XIX e as reexistências promovidas pela crítica feminista no presente, a obra de Luiza Leonardo retorna como vestígio vivo e convocatória, lembrando-nos de preservar e valorizar essas vozes.

## Referências

LEONARDO, Luiza. *Gazel: romance-folhetim de 1881 e outros textos*. Organização de Rosana Cássia dos Santos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2023.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MUZART, Zahidé L. “Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX.” *Revista Estudos Feministas*, v. 11, n. 1, p. 225-233, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QFg3mNfZzjCK3B4YJSNF7vs/>. Acesso em: 21/09/2025.

**Andressa Almeida Nunes** ([andressanunes@edu.ulisboa.pt](mailto:andressanunes@edu.ulisboa.pt); [andressaalmeidanunes@gmail.com](mailto:andressaalmeidanunes@gmail.com)) é doutoranda em Literaturas, Artes e Culturas Modernas pela Universidade de Lisboa e em Literatura Brasileira pela UFSC, onde também obteve o título de mestra. Licenciada em Letras e Pedagogia, com especialização em Literatura Brasileira e Inovação na Educação, pesquisa a escrita de mulheres brasileiras do século XIX, com foco em sua presença nos periódicos oitocentistas e nos apagamentos historiográficos.



### COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

NUNES, Andressa Almeida. "Entre silêncios e reexistências: a publicação de Gazel na cena contemporânea". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 34, n. 1, e108920, 2026.

---

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

---

### FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

---

### DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

---

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

---

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

---

### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

---

### LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

---

### HISTÓRICO

Recebida em 22/09/2025  
Aceita em 14/12/2025

---

### EDITORA RESPONSÁVEL

Cristina Scheibe Wolff  0000-0002-7315-1112

---

### EDITOR CIENTÍFICA

Jair Zandoná  0000-0002-4301-9436

---